

O conceito de revelação na filosofia de Franz Rosenzweig

The concept of revelation in the philosophy of Franz Rosenzweig

JANILCE PRASERES¹

Resumo: *A Estrela da Redenção* é uma obra complexa que possui um mosaico de conceitos e significados que se entrelaçam e marcam profundamente o lugar de Franz Rosenzweig (1886-1929) entre os filósofos, pela sua originalidade e visão decisiva, que antecipa o problema da filosofia existencial e nela encontramos, ainda, as referências sobre a formação cultural e filosófica de Rosenzweig. Este, considerado por muitos como um grande expoente do pensamento judaico afirmava que o Judaísmo era o seu método e não o seu objetivo, neste sentido trilha seu percurso filosófico que vai da filosofia à teologia, numa espécie de fusão de conteúdos de filosofia, em que todos convergem para um mesmo caminho: a filosofia dialógica. Assim, temos o intuito de apresentar e compreender como o conceito de Revelação é cunhado na filosofia hebraica de Rosenzweig.

Palavras-chave: Revelação. Filosofia. Teologia.

Abstract: *The Star of Redemption* is a complex work that has a mosaic of concepts and meanings that intertwine and deeply mark the place of Franz Rosenzweig (1886-1929) among philosophers, for his originality and decisive vision, which anticipates the problem of existential philosophy and in it we also find references to Rosenzweig's cultural and philosophical background. Rosenzweig, considered by many to be a great exponent of Jewish thought, claimed that Judaism was his method and not his goal. In this sense, he follows his philosophical path that goes from philosophy to theology, in a kind of fusion of philosophy contents, in which all converge on the same path: dialogical philosophy. Thus, we intend to present and understand how the concept of Revelation is coined in Rosenzweig's Hebrew philosophy.

Keywords: Revelation. Philosophy. Theology.

Introdução

Franz Rosenzweig (1887-1929) autor da obra, publicada em 1921, *A Estrela da Redenção*² é um dos livros mais importantes do século XX, escrita durante a Primeira Grande Guerra mundial, trata das questões mais graves e dolorosas desse século: a guerra, a violência, o Estado e a religião, em relação do judaísmo e

¹ Janilce Silva Praseres é professora auxiliar convidada na Universidade da Beira Interior (UBI), Departamento de Comunicação, Filosofia e Política. Atualmente realiza o Pós-Doutoramento em Filosofia e Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, ambos na Universidade da Beira Interior (UBI). Doutora em Filosofia também pela UBI (tese de doutorado aprovada com Distinção). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2015). E-mail: janilcesilva310@gmail.com.

² ROSENZWEIG, Franz. *L'étoile de la rédemption*. Trad. Alexandre Derczanski e Jean-Louis Schlegel. Paris: Seul, 2003.

cristianismo. Para além de antecipar a problemática da filosofia existencial, está na gênese do que chamamos o “pensamento dialógico”, mais conhecido por meio de M. Buber e E. Lévinas.

F. Rosenzweig é um dos responsáveis pela ênfase ao retorno à uma vida autêntica que foi impedida pela modernidade. A obra *Estrela da Redenção*, revela-se como uma das obras filosóficas mais importantes da época bem como carrega uma inspiração fortemente religiosa. A complexidade do conjunto da obra resulta de que cada uma foi elaborada e pensada como um livro, já que Rosenzweig desejava editar as partes separadamente. São explorados os limites da filosofia, o modo de pensar clássico, com ênfase na metafísica, para lançar um novo fundamento para experimentar a realidade.

Rosenzweig refuta um “Todo” que diz respeito àquela substância única que serviria de alicerce a uma unidade ontológica e epistemológica do real, determinada pela filosofia idealista grega e alemã; para tanto considera que se o todo se fragmenta, e emerge em três elementos fundamentais do real: Deus, o mundo e o homem, assim, num primeiro momento deparamo-nos com estes elementos em sua facticidade originária enquanto descobre-se que estão voltados para si mesmos.

Rosenzweig em vez de considerar um conceito de um todo, de uma realidade cuja natureza é a de uma única substância, debruça-se sobre uma realidade que se revela múltipla, em que cada elemento é redutível somente a si mesmo. Trabalha temas e conceitos vindos do pensamento teológico, mas busca pensá-los a partir de novos fundamentos, abandonando a perspectiva da velha razão e forma de pensar a totalidade.

Deste modo, temos como intuito desta análise o como Franz Rosenzweig aborda o conceito de revelação e seus desdobramentos que possibilitam descobrir inovações, que possibilitam o pensamento dialógico. Uma vez que, a sua concepção da revelação traduz-se como um apelo do outro e isto acaba por moldar o percurso da sua filosofia.

A filosofia de Franz Rosenzweig

Franz Rosenzweig, alemão, de origem judaica, que teve uma quase-conversão ao cristianismo, enfrentou diversos desafios presentes na história da cultura europeia do século XX e que marcaram sobremaneira o desenvolvimento da sua filosofia. Qualquer estudo acerca deste filósofo culmina em sua grande obra *A Estrela da Redenção*, que possui uma diversidade de temas, mas aborda essencialmente a experiência humana implicada nas questões éticas, estéticas e metafísicas, que promove um encontro entre filosofia e teologia profundo, em que a realidade se manifesta a partir de três elementos fundamentais: Homem, Mundo e Deus.

Apesar de ter uma sólida formação clássica e literária, com uma admiração especial por Goethe, Rosenzweig inicia seus estudos universitários em medicina, em Göttingen, em 1905, mas, no ano seguinte já em Friburgo, começa a direcionar-se para filosofia, em um centro neokantiano, onde tem contacto filosófico inicial com a *Crítica da Razão Pura* de Kant. A partir de então, segue a filosofia como sua vocação, e debruça-se sobre o estudo da história e filosofia modernas. Neste sentido,

Estuda filosofia com o neokantiano Heinrich Rickert e história com Friedrich Meinecke. Este combinava a erudição histórica com a filosofia política e comungava da ideia que a Alemanha... não permanecera nas alturas que atingira com Kant e Goethe. (...) O jovem Rosenzweig conhece o sistema de Hegel e a ideia da razão de estado que se realiza na história, uma remota síntese entre a universalidade racional de Kant e a particularidade poética de Goethe. Nos primeiros meses de 1908, inspirado por um capítulo do livro de Meinecke, inicia uma dissertação sobre a filosofia política de Hegel. (HENRIQUES, 2017, p. 13)

Em seu percurso de estudos filosóficos Rosenzweig revelava e partilhava, junto ao seu círculo de amigos, preocupações religiosas entre a fidelidade ao judaísmo e a possível conversão ao cristianismo. Dentre seus amigos, em especial, destacamos a importante figura de Margaret Huessy, com quem Rosenzweig manteve uma correspondência constante. E Eugen Rosenstock, com quem Franz estabeleceu uma amizade profunda, distinguia-se pelas suas meditações sobre o pensamento gramatical, o significado da revelação e a crítica sistemática da filosofia de Hegel. Apesar de ser considerado um hegeliano em seu círculo de

amizade, Rosenzweig acreditava ser o neo-hegelianismo incapaz de dar orientação e fundamento aos problemas determinados pelas ciências, passou então a buscar outros caminhos. “Em carta a Hans Ehrenberg (26 de setembro de 1910), Rosenzweig afirma que a história não é apenas para ser contemplada, mas sim para ser posta em prática. Esta concepção existencial abria caminho para uma nova visão da ação humana” (HENRIQUES, 2017, p. 15).

A questão da revelação sempre perseguiu Rosenzweig desde a sua juventude, mesmo quando ainda dedicava aos estudos sobre Hegel, intrigava-o uma espécie de reconciliação hegeliana entre a subjetividade do eu e a objetividade do mundo, questionava como era possível conceber um ser divino que operasse tal reconciliação, entre a individualidade e o mundo. Apesar de Rosenzweig alimentar certas inclinações e inquietações gnósticas de que a relação da individualidade com o divino necessitava a negação do mundo. Contudo,

Entre os debates neste círculo de amigos íntimos, sobressai o da longa noite de 7 de julho de 1913 que Rosenzweig indicará, retrospectivamente, como uma epifania transformadora da sua vida. Ao longo da noite, que começou com uma discussão acalorada sobre um romance de Selma Lagerlof, *Os milagres do Anticristo*, Rosenstock persuadiu Rosenzweig a converter-se ao cristianismo, salientando que uma vida fundamentada na revelação e dedicada à missão de redimir o mundo seria o único caminho para a reconciliação do eu e do mundo. Rosenzweig emergiu desta experiência determinado a converter-se. Mas a determinação escondia uma crise: terá passado longas horas após a conversa, sozinho no quarto, com uma pistola na mão, *face a face com o Nada* (HENRIQUES, 2017, p. 18).

Nos perguntamos, se é sobre esta experiência, com este episódio a reverberar ao fundo, que Rosenzweig escreve sobre a morte na introdução de sua obra:

Da morte, do temor da morte, depende todo o conhecimento do todo. O homem sente evidentemente que está condenado à morte certa, mas não ao suicídio. Mas o que essa exortação filosófica apenas consegue recomendar é o suicídio, e não a morte decretada para todos. O suicídio não é morte natural, mas totalmente contranatura. A terrível capacidade de suicídio distingue o homem de todos os seres que conhecemos e não conhecemos. Essa capacidade indica um passo para a partir de tudo o que é natural (ROSENZWEIG, 2003, p. 19-20, tradução portuguesa de Mendo Castro Henriques).

Rosenzweig, apesar de alguns episódios de crises, continuava a aprofundar seus estudos sobre o cristianismo e este marca presença em sua obra filosófica. Converteu-se, assim, ao cristianismo, mas pouco tempo depois e após uma prolongada autorreflexão, decide abandonar esta conversão e volta as suas raízes, ao judaísmo, “numa carta à mãe, afirma que a mais íntima conexão do coração com Deus é algo que o judeu já possui, por natureza, por ter nascido no povo eleito. (...) Permanecerei judeu” (HENRIQUES, 2017, p. 19).

Franz Rosenzweig ao decidir permanecer judeu, não só afirma a sua reflexão sobre o seu próprio ser, bem como, direciona-se para um pensamento que reconheça o lugar da revelação na vida para um novo entendimento da razão, para isto, era necessário que o exercício de filosofar exigisse uma outra forma de pensar, um novo modo de conceber a realidade, em que a filosofia necessitaria do pensamento contaminado pela realidade. Para Rosenzweig, essa outra forma de pensar, esse “novo pensamento”, distancia-se do idealismo alemão e marca igualmente um distanciamento do pensamento a partir de categorias de essência, algo próprio do pensamento grego sobre a abordagem do real. De tal modo,

Se a velha filosofia culminara no idealismo alemão de 1800, o novo pensamento teria de se alimentar da revelação. Reconhecer o lugar da revelação na vida exige um novo entendimento da razão e uma nova visão da compatibilidade entre judaísmo e cristianismo. Era o despontar do pensamento dialógico. Em 1914, Rosenzweig matriculou-se na Hochschule für die Wissenschaft des Judentums de Berlim. Uma figura desta Academia de Estudos Judaicos era o neokantiano Hermann Cohen, aposentado do cargo de professor em Marburgo em 1912. Proferia palestras sobre Introdução à Filosofia, Maimónides, Moré Nevukhim, e o conceito de religião no sistema de filosofia. A associação com Hermann Cohen, que conhecera em novembro de 1913, foi um marco importante na maturação de Rosenzweig. (HENRIQUES, 2017, p. 19)

Após o retorno ao judaísmo Rosenzweig aprofunda-o cada vez mais, procurou estudar hebraico e comentários de rabinos sobre as escrituras, denuncia escritos teológicos de tendências românticas, que figuravam apenas sobre o cristianismo na vida de Jesus e o judaísmo como existência de um povo e esqueciam-se de ressaltar a revelação, noção central na relação entre filosofia e teologia, mas que não deve ser encarada de forma misteriosa e injustificável. Para o entendimento da experiência humana o pensamento tem de levar em

consideração não só a noção de revelação, mas, sobretudo, a noção de um Deus que entra em relação com o ser humano no mundo. “A revelação permite ver a história como trajetória de redenção. Todas estas noções reapareceriam poucos anos depois” (HENRIQUES, 2017, p. 21) em sua obra capital: *A Estrela da Redenção*. Assim,

Ou a revelação é relação ou não é revelação, assim podemos resumir a conclusão de Rosenzweig. Em carta a Rudolf Ehrenberg, de 18 de novembro de 1917, transmite ao seu primo e parceiro intelectual, a chave deste novo pensamento. Rosenzweig afirma que descobriu o seu ponto de Arquimedes nesta longa carta, a que Rosenzweig chamará de célula original – Urzelle – da *Estrela da Redenção*.

Estas meditações que decorrem em plena Grande Guerra, nas quais avulta a influência de Schelling, desencadeia a escrita da *Estrela* a partir de 22 de agosto de 1918, como relata a Gertrud Oppenheim em 27 de agosto: estou profundamente envolvido em desenvolver a minha carta ao Rudi em livro; vai ser fantástico e totalmente impublicável. As novas ideias sobre filosofia e teologia, revelação e razão, judaísmo e cristianismo irão fazer nascer o pensamento dialógico. Na Urzelle emergem, em esquemas e códigos, os conceitos centrais do novo pensamento dialógico: a alteridade – relação eu-tu; a factualidade – relação entre facto e ato; o amor – relação divina e humana; a liberdade como realidade vital; os nadas mundanos, humanos e divinos na metaética, metalógica e metafísica. (HENRIQUES, 2017, p. 22)

A Estrela da Redenção é uma obra difícil e extremamente densa, dividida em três partes (três grandes livros) com uma tonalidade religiosa, mas com ideias poderosas que questionam a pós-modernidade a partir de um pensamento dialógico, para uma transformação do mundo em sua relação com a humanidade. Rosenzweig questiona, ainda, acerca do que é que sabemos sobre o mundo que nos rodeia, uma vez que, o mundo também está em nós e é a sua própria evidência.

Para Rosenzweig, o homem não é demonstrável, assim como Deus e o mundo igualmente não são, neste sentido a particularidade do homem não é apreendida pelo conhecimento, pelo saber. A filosofia acreditava ter de certa forma aprisionado o homem na ética, o que para ele é impossível, pois, mesmo muito que se pretendesse da ação humana, o esforço da ética “só conseguia reintegrar a ação com a mesma necessidade no círculo do Todo, cognoscível no momento da realização; toda a ética acabava por desembocar novamente numa doutrina da

comunidade como parte do ser” (ROSENZWEIG, 2003, p. 29). Era necessário, antes, ancorar a ação no princípio em que o ser é real, caso contrário a ética permanecerá sempre como uma parte da visão do mundo.

Se “a oposição entre a visão da vida e a visão do mundo é de tal modo candente na oposição à parte ética da visão do mundo que seria preferível chamar metaéticas às questões da visão da vida” (ROSENZWEIG, 2003, p. 30), isto ocorre porque há uma oposição íntima entre visão do mundo e a visão da ética, em que elas se afetam e tentam resolver, a seu modo, as questões umas das outras. É preciso fazer frente ao mundo, a um certo princípio compreendido como “Todo”, uma totalidade, que tem como consequência uma refutação da unidade de pensamento.

Quanto à ética, é preciso destacar que o Eu é independente da personalidade, que é o indivíduo em sua ação, em sua pertença, ao social. Se o indivíduo está sujeito à ordem de valores éticos cada vez mais universais, o Eu, por sua vez, não somente é livre em sua interioridade como não é objeto da ética. O Eu é o sujeito da ética. O Eu é uma realidade metaética (...). O Eu, encerrado em si, cego e surdo a todo o externo, é ainda mudo e nada sabe senão daquilo que está em seu interior. Ele é metaético. (BUENO, 2016, p. 156)

170

Para Rosenzweig a filosofia em toda a sua busca por uma essência universal, atemporal e única para toda a realidade, causou um distanciamento da existência viva; e isto, seria justamente a enfermidade da filosofia. Na Estrela, a análise inicial, sobre a singularidade do indivíduo “que vive na sombra da morte é seguida pela demonstração de como os pensadores existenciais do século XIX usaram essa descoberta da singularidade para dissolver a velha filosofia que se arrogava de conhecer o todo” (HENRIQUES, 2017, p. 35). Dentre esses pensadores, destacamos a figura de Nietzsche, o qual, conforme Mendo Henriques (2003, p. 35), para Rosenzweig, foi o primeiro a confrontar Deus face a face, não apenas negando-o, mas amaldiçoando-o; para Nietzsche o homem deve ser o guia de si mesmo, não deve precisar de valores postos de maneira forçosa pela religião, de parâmetros opressores impostos por uma religião ou um outro poder metafísico qualquer imposto a ele. “Para Nietzsche, não havia tal separação entre a altura e a planície em seu próprio Eu, e assim seguiu plenamente o seu caminho, alma e mente, homem e pensador fundidos até ao final” (ROSENZWEIG, 2003, p. 28).

Conforme Nietzsche, o advento das religiões que nasce a partir e na própria moral trouxe a exasperação dos princípios inatos do bem e do mal. E como consequência temos a opressão do homem, a escravização da sua vida ao invocar um deus que teria como obrigação salvá-lo e redimi-lo de sua predileção pelo mal em detrimento do bem. Resultando num aprisionamento do homem e inibindo a sua autonomia. Em vez de valorar o homem como ser superior, a religião o relegou ao âmbito do mau, definindo-o mal, como perverso, como pecador e imoral. De tal modo, “a crítica à metafísica, levada a cabo por Rosenzweig, é tributária da crítica nietzschiana à filosofia. A “morte de Deus”, vista também como morte dos sistemas metafísicos, é claramente a perspectiva adotada por Rosenzweig, especialmente do Deus oriundo da tradição da metafísica” (BUENO, 2016, p. 159).

O pensamento dialógico proposto inicialmente por Rosenzweig busca romper com uma totalidade de ser e nada, em uma denúncia da tradição filosófica que não considera a singularidade irreduzível do eu, que se encontra entre o ser e o nada. Para tanto estabelece uma reflexão acerca do eu individual explorado na angústia da morte; o mundo, o qual o eu se contrapõe. E Deus, que transcende ao mundo e ao eu, para destacar a posição fundamental destas três entidades Rosenzweig defini-as com o prefixo meta, que compreende o Deus metafísico, o mundo metalógico e o ser humano metaético.

Tal como a metaética no homem o torna o senhor livre do seu ethos, de tal forma que ele o possui e não o inverso; assim como o metalógico no mundo faz do logos um "ingrediente" do mundo e totalmente evidente no mundo, de tal modo que o mundo o possui, e não o inverso; assim também o metafísico em Deus faz da natureza um "ingrediente" de Deus. Deus tem uma natureza, a sua, independentemente da relação em que, possivelmente, entra com a physis fora de si, com o "mundo". Deus tem a sua natureza, a sua essência por natureza, a sua essência que está aí. Isto é tão pouco evidente que mesmo até Hegel, a filosofia nunca deixou de contestar a Deus esta existência (ROSENZWEIG, 2003, p. 38).

Para Rosenzweig a forma mais elaborada desta contestação é a prova ontológica de Deus, tão antiga quanto a filosofia, mas que sucedeu num embate entre teólogos e filósofos sobre a insistência na existência de Deus. O Deus para Rosenzweig ultrapassa a configuração “metafísica” que significa está para além da physis, para ele Deus tem uma natureza que não pode ser definida em um conceito,

nem atrelada em um sistema de totalidade. Deus é Deus e dar-se na experiência no homem, não em sentido místico, mas como Revelação.

Revelação em Franz Rosenzweig

F. Rosenzweig é um dos responsáveis pela ênfase ao retorno à uma vida autêntica que foi impedida pela modernidade. Encontramos, ainda, a expressão da tensão vital entre o nada e o ser, em que, para o autor, o nada não é irreal, ele é impensável. A morte constitui uma relação entre o pensar e o real, em que o real vem antes do pensar, também nos diz que o amor é tão forte quanto a morte. O pensamento de Franz Rosenzweig busca um certo enfrentamento, um distanciamento do idealismo alemão e empreender de tal forma um “novo pensamento”, que fosse capaz de reconhecer a revelação no tange a vida, para uma nova compreensão da razão e até mesmo do judaísmo e cristianismo. Para Rosenzweig o pensamento deveria estar permeado pela realidade e não ser um pensamento essencialista, “essência”, que marca o pensamento grego. Para compreender os três elementos (Deus, o homem e o mundo) é preciso partir da própria experiência, em que considera que a doença da razão só pode ser curada pelo poder da própria vida.

Em Rosenzweig temos a afirmação do uso do judaísmo como método ou o método judaico (GUARNIERI, 2018, p. 25) que se traduz num processo contínuo que se dá por meio do diálogo. Diálogo que dá lugar a ação, pois dialogar está relacionado com o tempo e requer que o outro, de forma concreta, escute e se manifeste sem saber que se dará o encontro, de modo que o pensamento deva fluir, sem saber onde vai parar. Como já referimos, neste diálogo participam o homem, o mundo e Deus, que constituem a realidade, esta não se enraíza numa totalidade, mas na relação entre esses três elementos e é na segunda parte da obra, A Estrela da Redenção, que estes elementos entram em relação.

Embora esta obra seja o expoente maior do pensamento de Rosenzweig, a carta enviada a seu primo Rudolph Ehrenberg, que citámos anteriormente, publicada com o título de Urzelle, já apareciam alinhadas algumas das ideias fundamentais de seu trabalho principal, na forma de algumas grandes intuições

que se encontram expostas ainda na sua forma embrionária, mas que formaram seu sistema de filosofia.

Na carta, o conceito de revelação como orientação não significa só de uma descrição de via histórica de revelação, nem apenas do relato consagrado pela tradição religiosa. Trata-se de um conceito que se sustenta racionalmente constituindo-se em um importante fundamento. Rosenzweig acredita conseguir superar o relativismo que reina no campo filosófico e teológico. De forma que,

O sentido específico de revelação é o de uma relação entre Deus e o ser humano. Assim como na criação, a liberdade (Não, Ato) do Deus elementar se inverteu em um Sim fundamental, agora na revelação inverte-se a essência (Sim, Coisa) do Deus primordial. O ser incondicional de Deus, que se manifestara como a necessidade do destino, irá agora converter-se em Não, uma força ativa. Essa força é uma novidade que carece de um nome novo: A essência eterna de Deus desperta de novo e a cada momento, sempre jovem, sempre primordial – como amor (E. 178). A revelação envolve transformação do amor. É a abertura de algo fechado [Das Sichauftun eines verschlossenen]; é trazer para a luz o que estava obscuro; é divulgar o que estava oculto. Esta decisiva característica designa-se como uma viragem, uma reversão [eine Wendung, eine Umkehr]. Por isso Rosenzweig afirma porque tornar-se manifesto é a conversão (Umkehr) do devir. Só o devir é secreto. O tornar-se manifesto é – revelação (HENRIQUES, 2017, p. 45).

173

A articulação que Rosenzweig tenta desenvolver é entre a razão sistemática e o elemento existencial, extrassistemático (BUENO, 2016, p. 108), que é o indivíduo, embora opere como o elemento ativo da mesma filosofia, mas não é abarcado por ela quando esta assume sua forma de sistema da totalidade. Conforme Bueno, a revelação é possível, mas não mais como um momento subsumido dentro do sistema da totalidade, mas por uma decisão, ou seja, por um ato de escolha, de caráter existencial. A argumentação de Rosenzweig é bastante complexa e para acompanhá-la é preciso ter sempre em consideração os três elementos. Assim, temos o entendimento de que as relações Criação, Revelação e Redenção despontam sempre que o Não no interior de cada um dos elementos se converte em um Sim e, assim, une-se com o que tinha sido o Sim dentro do outro elemento, agora invertido em um Não.

Rosenzweig atribui ao conceito de revelação uma função metodológica, conceitual, mas também revisa seu papel histórico como facto da Revelação e leva

em consideração o seu aspeto existencial, quando este conceito assume um papel fundamental no que se refere ao homem em suas relações com Deus, uma vez que, revelação diz respeito, sobretudo, a relação entre Deus e o ser humano, em que cada um dos elementos possuem potencial para realizar na relação um com os outros. E é este desenvolvimento relacional o ponto alto do pensamento dialógico. Neste sentido,

a criação carece de se desenvolver na revelação e na redenção, porquanto tanto consolida como desestabiliza Deus e o mundo. Com a criação, Deus cumpre a promessa de liberdade divina como fundamento essencial do mundo, mas quebra a sua factualidade elementar. A liberdade de Deus satisfaz-se com a criação; o ser elementar ficou para trás. Esta ameaça do nada a que também Deus está submetido após criar, serve como força motriz para a revelação e para a redenção. Sugere Rosenzweig que Deus tem realidade como o ponto de origem do mundo, mas fica oculto pelo mesmo mundo que criou. Ser fundamento do mundo não é o mesmo que ser reconhecido. (HENRIQUES, 2017, p. 48)

Conforme Rosenzweig Deus permanece desconhecido e é pela relação reveladora com o homem que possibilitará o reconhecimento de Deus em seu ser incondicional. De tal maneira, a revelação na perspectiva existencial, é amor. E este não deve ser compreendido como compaixão, mas como misericórdia genuína que se dá na experiência vivida que nos afeta. Embora seja difícil pensarmos o conceito de revelação filosoficamente ou ainda sob os olhos da razão e não da religião ou da teologia.

Em Rosenzweig, a palavra de Deus é revelação porque é ao mesmo tempo criação. É preciso considerar o sujeito existencial, concreto, que se sabe criado, que é anunciado na presença da revelação, da presença divina. O ponto de partida deverá ser a partir da percepção do real e da existência a partir da perspectiva do milagre. Assim, Rosenzweig volta a uma categoria fundamental da teologia cristã, mas que também é da tradição judaica e que agrega ao seu próprio pensamento, em que o conceito de milagre assume uma nova significação, que estará ligada ao conceito de Revelação. Para o homem, em particular, a Revelação será a responsável por fazer dele uma alma. Precisamente por isso, como diz “Ephraim Meir, em Rosenzweig “A Revelação é o milagre par excellence”. Este é o conceito

de revelação como a experiência do milagre que perpassará todo a segunda parte de A Estrela da Redenção” (BUENO, 2016, p. 168).

Para Franz Rosenzweig, Deus é o ponto de partida, é o ponto de origem do mundo, mas é, por esse mesmo mundo que criou, ocultado, ficando assim, uma parte desconhecida que paira no nada elementar e é somente pela relação da revelação com os seres humanos que Deus terá o seu ser incondicional reconhecido. Partindo da perspectiva existencial, a revelação é amor, mas que precisa ser vivido como misericórdia genuína e não como um atributo da compaixão ou necessidade. É como se Deus tivesse se apaixonado pela humanidade e de tal forma, experimenta este amor de forma espontânea sem determinação prévia.

De tal modo, o ser incondicional de Deus e, portanto, a necessidade do destino divino, se converte no amor. Em que, o ser humano acolhe o amor divino, convertendo o seu orgulho em humildade. O amor divino traduz-se em uma força inesperada que surge quando Deus se volta para nós. Para Rosenzweig há uma nova definição de fé. “A fidelidade do indivíduo atua sobre o Deus a quem a alma é fiel. Na força do amor brilha um grande Sim que o amante não encontraria em si mesmo: e a fé é o amor de retorno do amado ao amante, uma fidelidade duradoura” (HENRIQUES, 2017, p. 50).

A partir do pensamento de Franz Rosenzweig, compreende-se que a criação resulta da relação unificadora entre a natureza do criador divino e a existência ativa do mundo. A revelação é referente ao momento em que a subjetividade se torna alma ou indivíduo e este acorda para a consciência da existência. O sistema filosófico de Rosenzweig está ancorado na religião judaica-cristã, em que o judaísmo dá o referencial imutável e o cristianismo a universalidade que o primeiro não pretende ter. O pensamento de Rosenzweig é incontornável para o século XXI, na era da superioridade da “razão” técnica e digital, em que a vida real das pessoas é subjugada. Rosenzweig é um pensador que merece com toda honra que seu pensamento seja difundido e que alcance maior extensão.

Considerações finais

A obra de Franz Rosenzweig aborda um diálogo entre judaísmo e cristianismo não como resultado de uma filosofia da religião, mas como uma filosofia que evoca e explora as bases para um "novo pensamento", que se apoia no judaísmo como método e toma a Revelação como categoria fundamental, numa espécie de complementaridade entre filosofia e teologia. Em um diálogo tão profundo em que, para Rosenzweig, o cristianismo não poderia existir sem o judaísmo e vice-versa, em que o amor, a fé e esperança são as chaves para redimir o mundo e encontrar novas possibilidades de diálogo no testemunho da revelação.

Destaca a importância do milagre como prova da verdade revelada, tanto na antiguidade pagã quanto na cristã. Aborda o milagre como sinal e argumenta que o milagre sinaliza um poder extraordinário, especialmente na revelação bíblica, num repensar a revelação como relação entre o absoluto e a subjetividade. Sustenta que o milagre possui um caráter misterioso, revelando um domínio da natureza conhecido apenas por Deus. Em que, enfatiza o papel do testemunho na compreensão do milagre, que pode ser atestado por indícios, provas e, mais profundamente, pelo martírio daqueles que defendem sua fé até a morte. No entanto, o milagre central para Rosenzweig é a própria revelação, que estabelece um diálogo entre Deus e o ser humano. Sugere que essa experiência não pode ser vista como um evento externo e objetivo, mas sim como uma ocorrência histórica e existencial que afeta o presente.

176

Referências

BUENO, J. L. A travessia do nada na filosofia da religião de Franz Rosenzweig. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016, p. 156. [Tese de Doutorado em Ciências da Religião]. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1971/1/Jose%20Luiz%20Bueno.pdf>.

Acesso em: 9 de janeiro de 2023.

GUARNIERI, M. C. M. "A filosofia hebraica de Franz Rosenzweig". In: *Revista Brasileira de Filosofia da Religião*, Universidade de Brasília, v. 1, n. 1, p. 25-35, out, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/13019/11375>. Acesso em: 9 de janeiro de 2023.

HENRIQUES, M. C. *Franz Rosenzweig e o pensamento dialógico*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.

PRASERES, J.

ROSENZWEIG, F. *L'étoile de la rédemption*. Trad. A. Derczanski e J-L. Schlegel. Paris: Seul, 2003.

Submissão: 14. 08. 2023 / Aceite: 30. 08. 2023